

## **Imposições ao desejo feminino: a mulher entre a frigidez e a ninfomania nas reportagens de Ele Ela (1969-1976)**

Antonio Fontoura Jr. (UFPR)

Em 1969, a editora Bloch – à época, uma das maiores do país – lançava Ele Ela, anunciada como uma “revista para ler a dois”. Até 1976 (quando se tornará exclusivamente uma revista masculina) a publicação tinha como objetivo ser uma revista para casais, com reportagens sobre relacionamentos, opinião de especialistas, moda para homens e mulheres, enfim, tudo o que fosse considerado importante para a manutenção de um casamento.

A sexualidade era o principal tema das preocupações de Ele Ela, refletindo o protagonismo que o sexo passava a desempenhar na conservação dos relacionamentos. Cada vez mais, a satisfação erótica implicava felicidade individual e conjugal; e cônjuges sexualmente satisfeitos, supunha-se, não praticariam o adultério – considerado o maior perigo à manutenção da estabilidade familiar.

Em um momento em que se acreditava que a família era uma instituição em crise, e vivendo-se o que se acreditava ser uma revolução sexual, o prazer erótico dos cônjuges deixava de ser um assunto íntimo de cada casal e passava a ser tema de preocupações de reportagens e especialistas, sendo a erotização arma para o combate à rotina conjugal. A abordagem de temas era ampla: dificuldades e doenças sexuais, traumas, dicas de roupas, alimentos e criação de situações sensuais eram discutidos incansavelmente. Especialistas eram convidados a debates, casais entrevistados, situações particulares analisadas. A impotência masculina tinha suas causas investigadas. Os mais diferentes tipos de tratamento eram apresentados às mulheres frígidas ou na menopausa. Dicionários, manuais, encartes: tornava-se insistente, porque fundamental, a saúde erótica dos cônjuges.

Este estímulo, porém, não implicava em total liberdade erótica, particularmente para as mulheres. Esta sexualização deveria atingir o fortalecimento da união conjugal, mas limitando o erotismo feminino, pois este seria muito fácil de ser desvirtuado.

A carga emocional imposta recentemente pela emancipação da mulher aumentou a desorientação sentimental e afetiva de muitas delas, predispondo-as ao eterno conflito com as normas morais. Jovens, ainda, sentem elas o desejo de sempre saberem mais, de viverem e de experimentarem mais, de serem mais amadas, de participarem de tudo<sup>1</sup>.

Todo o desejo devia ser canalizado, normatizado, em direção ao marido. Caso contrário, a mulher se brutalizaria, pois estaria agindo contra a sua própria natureza. Não apenas não poderia sentir a satisfação que desejaria em relações sexuais deste tipo, como, certamente, problemas psicológicos e traumas terríveis seriam inevitáveis. Em uma reportagem sobre a prática sexual feminina, a revista era categórica: “o sexo sem amor é o primeiro passo para as anomalias físicas e morais”<sup>2</sup>.

Esta posição era reforçada pelo discurso psicanalítico, usualmente moralizante em relação a toda e qualquer sexualidade vista como desviante: a mulher que tivesse desejos sexuais por múltiplos parceiros – mesmo que não os realizasse – estava sem dúvida tomada por uma doença psicológica e merecia tratamento. Uma atitude em relação à sexualidade que tinha seus sintomas...

Elas vivem num ritmo acelerado e artificial. Os olhos ficam mais brilhantes, o riso é afetado e nervoso, a voz ganha tons estridentes, o comportamento geral é quase sempre agressivo<sup>3</sup>.

... e diagnósticos:

Ela poderá ser sedutora, coquete, infantilóide, sempre se comportando como se estivesse num permanente relacionamento sexual. Na verdade, ela é provavelmente frígida, e sua fachada sexy serve para cativar os homens que venham trazer-lhes os elogios. As mulheres histéricas raramente são capazes de se relacionar aberta e honestamente<sup>4</sup>.

Este artigo objetiva discutir como a sexualidade feminina (sempre na conjugalidade, o único contexto para a prática sexual admitido por Ele Ela) era incentivada a se expressar eroticamente como forma de combater a rotina e manter o casamento. Porém, e ao mesmo tempo, eram interpostos obstáculos que objetivavam conformar os desejos femininos a limites considerados naturais: aquém dos quais haveria a frigidez e, além deles, problemas físicos e psicológicos.

## Da rainha do lar à amante perfeita

Nada menos erótico que a imagem materna. Conflitantes, e mesmo antagônicos, os conceitos de sexualidade e maternidade jamais se aproximam, especialmente na construção moderna da imagem da “mãe”: personagem recatada, assexuada, sacralizada, sendo Maria, mãe e virgem, o modelo ideal. A sexualidade deveria estar afastada da dona de casa, pois esta era por demais respeitável para ser representada eroticamente. Como afirmou Martins, “a negação da sexualidade feminina era a contrapartida necessária para o bom desempenho [da] magna função moral de mãe e esposa”<sup>5</sup>. Além de pouco instruída nas questões sexuais, o orgasmo e o direito ao prazer eram todos masculinos. A distinção de uma mulher estava relacionada ao pudor e ao recato que demonstrasse no quarto<sup>6</sup>.

As discussões sobre a importância do sexo no relacionamento conjugal se deparavam com este problema. De que forma discutir a erotização do casal sem afetar a imagem sacrossanta da “mãe”? Este não era apenas um problema discursivo – ou seja, de *como* abordar o problema – mas partia, também, da dificuldade em estimular os casais a confrontar a visão idealizada e casta da esposa.

A revista *Cláudia*, ainda no começo dos anos 1960, lançou algumas primeiras discussões sobre esta questão, questionando as razões machistas que procuravam extrair o erotismo da sexualidade conjugal. De uma forma geral, porém, as revistas femininas durante aquela década abordavam apenas muito discretamente a sexualidade conjugal. Embelezar-se para o marido significava usar “um aventalzinho elegante sobre o vestido”<sup>7</sup>. Ao surgir em 1969, e amparada pela possibilidade de uma discussão mais aberta a respeito das questões sexuais, *Ele Ela* adota uma estratégia mais explícita e mais direta: a mulher moderna deveria cuidar da casa, dos filhos, esperar o marido com o jantar pronto e – novidade – ser sexualmente ativa.

Antigamente, uma mulher virtuosa só aceitava o sexo como forma de submissão ao marido. Hoje, ele é encarado como fator decisivo para a preservação do entendimento que conduz à felicidade<sup>8</sup>.

Uma reportagem de 1969, que teoricamente pretendia apresentar as zonas eróticas do corpo feminino (portanto, um texto para ele), acaba se revelando um manual de beleza – para ela. Como cuidar dos cabelos, como realizar a depilação,

como cobrir as estrias. “Encere o chão, lave pratos e panelas, seja dona-de-casa, mas sempre com luvas de borracha”. Seja esposa, devotada à casa, ao marido e filhos. Porém, preocupe-se com o corpo e com a beleza: “a noite recompensa as mulheres que não desperdiçam o dia”<sup>9</sup>.

É todo este conjunto de elementos que torna, por exemplo, a japonesa a “amante mais perfeita do mundo”. Pois, embora tenha “pernas curtas, a barriga da perna um tanto grossa demais e os seios quase sempre muito pequenos”, elas “compensam essas deficiências com características e capacidades raramente igualada pela mulher ocidental. São, simultaneamente, mãe, irmã, amante, escrava e companheira”<sup>10</sup>.

Reconhecida a importância da sexualidade no conjunto de qualidades que a tornariam uma boa esposa, o passo seguinte era fazê-la reconhecer-se incompetente em matéria de erotismo. Fazê-la compreender que o adultério, a falta de desejo e mesmo uma eventual impotência do esposo seriam culpas dela. Um marido depõe contra a própria esposa:

É horrível. Depois de quatro anos de casamento já não conheço a minha mulher. Quando nos casamos, ela era encantadora, um pão. Agora, é apenas uma matrona preocupada com o assoalho bem encerado. O resultado é que traio Bárbara há alguns meses, com uma antiga modelo. Agrada-me ter sempre a companhia de uma mulher bem vestida e elegante<sup>11</sup>.

Desabafos que recebiam a chancela do especialista.

Psiquiatra Mário Fortes de Almeida:

– A maioria das mulheres considera a certidão de casamento como um seguro de vida. Depois de passarem pela pretoria e pelo altar, sentem-se absolutamente tranquilas quanto ao futuro. Esquecem que a sua contribuição à felicidade doméstica não consiste apenas em conservar a casa linda e bem cuidada<sup>12</sup>.

Resultado de um processo de liberação sexual e valorização da sexualidade que se deu no Ocidente – variando em intensidade em cada região –, o orgasmo transformava-se, gradualmente, em urgência e necessidade médica. Não se tratava apenas de quebrar tabus ou romper preconceitos: a questão era ser sexualmente saudável, sendo papel dos especialistas “solucionar o prejudicial problema social da insuficiência sexual humana”<sup>13</sup>.

Dentro deste contexto, a frigidez tornou-se uma das principais preocupações dos médicos dos anos 70. Suas causas e, principalmente, sua cura, tinham se tornado uma obsessão de tal forma que a ausência de desejo sexual passou a ser

considerada por si só um sintoma que precisava ser corrigido. As novas normas sexuais pressionavam a mulher ao desejo, à vida sexual satisfatória, ao orgasmo. Se sexo é saúde, sua ausência, por qualquer motivo que fosse, seria doença, gerando-se um sentimento de desvio a quem não se adequasse à norma. A ausência de desejo (e de amor), o automatismo e a rotina do casamento, a educação castradora do desejo, eram algumas das várias causas da frigidez feminina, que poderiam ser curadas por uma adequada atenção do marido ou por tratamentos junto a especialistas.

### **A esposa-amante**

Dentre as estratégias presentes neste processo de erotização da esposa está a busca por aproximar a sua imagem ao imaginário já existente da amante. Se um dos maiores riscos ao casamento estava no marido que buscava uma amante fora de casa, o ideal seria tornar a mãe dedicada e esposa fidelíssima também em um objeto de desejo erótico para o homem. Assim, ele teria com sua própria mulher a satisfação que, de outra forma, procuraria fora de casa.

Figura folclórica presente – de forma concreta ou não – em praticamente todos os relacionamentos conjugais do período, a amante era a mulher mais bonita, sexualmente mais atrevida e, supostamente, mais jovem, que tirava o marido de seu lar, de sua esposa e dos filhos. Que interferia no bom ambiente familiar e poderia minar a continuidade da família. Impunha, assim, uma concorrência desleal contra aquela que, durante anos, havia sido ensinada a não desejar, a não se atrever, nem tampouco participar ativamente da vida sexual. Na mente de muitos homens e mulheres, à esposa se reservava a afeição e o respeito; à amante, a paixão ardente.

Incluir a imagem da amante àquela da esposa configurou-se, assim, em uma estratégia para trazer o elemento erótico para o quarto do casal. A “outra” se tornava a própria esposa.

Os pressupostos eram: a sexualidade é reconhecidamente um elemento importante para o casamento, e vivia-se um período de liberação sexual; e: os homens sentiam-se tentados por amantes sensuais, que substituíam as esposas e colocavam em risco a instituição familiar. Para a conclusão: adicionando-se a

imagem da amante à da esposa construía-se um híbrido capaz de oferecer a sexualidade que a manutenção do casamento exigia.

Utilizando-se de moças jovens e atraentes, que vestiam lingerie sensuais, a propaganda da Nylonsul deixava visualmente claro o que se esperava desta esposa-amante.



Figura 1: Propagandas da Lingerie Nylonsul. Fonte: Ele Ela, agosto e outubro de 1969.

Os textos em destaque, bastante objetivos, são dirigidos diretamente à esposa. O primeiro anúncio, de 1969, coloca no imperativo a ação que a mulher deve tomar: *arranje* uma amante para seu marido. É a mulher que deve ter a atitude de sensualizar-se, de se erotizar, tal qual uma amante. E, claro, ao invés do marido arranjar uma amante que não fosse a própria esposa, esta mesmo se antecipa, e veste sua nova fantasia, incorpora este novo personagem, auxiliada pela lingerie Nylonsul.

O segundo anúncio vem em forma de alerta: *esta noite seu marido vai dormir com outra mulher*. E será a esposa a responsável por assumir o papel da “outra mulher” – abandonar ainda no corredor a mãe/dona de casa que está presente durante o dia, e assumir no quarto do casal seu novo papel de amante.

Afinal, se o homem está buscando sexo fora de casa, não é por outra razão senão o desleixo e a inabilidade erótica da mulher. Os últimos parágrafos de uma

reportagem de 1969 sobre a impotência masculina são todos dedicados a um inquérito lançado à esposa.

Faça a si mesma as seguintes perguntas e procure respondê-las da maneira mais honesta possível: você é desleixada? Veste-se masculinamente? Você tem engordado excessivamente nos últimos anos? E seu aroma pessoal? Acha que sais de banho e outros produtos de beleza são apenas para narcisistas? Já descobriu o valor exato do perfume?

Deixa-se claro que se a esposa responder ‘sim’ a uma ou mais perguntas, ela provavelmente tem um papel significativo na impotência do marido. E qual a solução possível? (Além, é claro, de vestir-se melhor, ser mais feminina, emagrecer, perfumar-se...): “Você se comporta em primeiro lugar como mãe, raramente como esposa e jamais como amante? Comporte-se como amante”<sup>14</sup>.

Comporte-se como amante: a revista *Ele Ela*, no final da década de 60 e início dos anos 70, não defendia uma mudança estrutural no papel feminino. A incorporação do imaginário da amante à esposa – nas busca por erotizar a imagem desta última – não significava a substituição de papéis, mas uma adição ao conjunto mãe/dona de casa.

Você escolhe o papel que quer: dona-de-casa entediada ou amante sensual. Não sei se é verdade que as louras se divertem mais na vida, mas estou certa de que uma amante se diverte mais do que uma esposa. E a amante casada? Bem, eis uma mulher que pode se gabar de possuir todas as vantagens. Ela pode ser toda feminilidade, toda amor, toda carinho<sup>15</sup>.

Neste sentido, a mulher de *Ele Ela* não se diferenciava, mesmo em pleno processo de revolução sexual e *Women’s Lib* (que a revista, aliás, não se cansava de repercutir), das esposas/mães/donas de casa tão comuns das publicações femininas de décadas anteriores<sup>16</sup>. Os textos de *Ele Ela* apropriavam-se do discurso de “liberação sexual” para construir uma nova obrigação para a mulher casada: ser, também, amante.

### **O limite do erótico feminino e o discurso psicanalítico**

A erotização da esposa deveria estar em conformidade com o que era esperado da sexualidade feminina. Naturalmente, o marido deveria ser o único objeto de desejo. Dentro das representações de gênero acreditava-se que um homem, diante da possibilidade de um relacionamento erótico, não deveria recuar (“o homem é um animal caçador por natureza”<sup>17</sup>). Já *Ele Ela* alertava para a impossibilidade da mulher seguir o mesmo caminho, pois sua biologia a impediria:

psicanalistas, psicólogos, sexólogos, pedagogos, padres, emitindo opiniões que seriam repercutidas nos meios de comunicação, argumentavam que todo o organismo feminino, toda sua biologia, seus hormônios – todo seu ser – repudiaria uma dissociação entre sexo e amor, algo só possível de existir entre os homens. A consequência de experimentar tal relação antinatural a faria se sentir incompetente e inferior.

Mulheres sexualmente ativas serão descritas como psicologicamente perturbadas e, evocando antigos receios à *femme fatale*, estariam “preocupadas apenas em tirar vantagem do amor e do sexo. Elas constituem uma espécie de réplica feminina do legendário sedutor Dom Juan”<sup>18</sup>. Uma mulher que apresentasse desejos eróticos semelhantes aos dos homens era uma anomalia e certamente tema para um analista. Poderiam sofrer, por exemplo, de “ansiedade amorosa”:

Ela é uma mulher inquieta, de riso difícil. Tem tiques nervosos, róia as unhas, estala os dedos. O seu círculo de amigos é pequeno, pois seu comportamento passa imprevisivelmente das relações mais cordiais para as respostas mais bruscas e para as atitudes mais inesperadas. Ela gosta da companhia masculina.

Se não se tratam, começam a caminhar, sem vacilações, para o escândalo e para a ruína física e moral. A solução então é interná-las em clínicas para doentes mentais<sup>19</sup>.

Este desejo patologizado era frequentemente descrito a partir de uma terminologia própria da psicanálise – pulsões, libido, traumas, fixação infantil, subconsciente, repressões, neuroses –, através da qual as reportagens de Ele Ela denunciavam os diferentes problemas criados pela liberação sexual, especialmente quando desvinculada da conjugalidade. As mulheres seriam, sem dúvida, as mais agredidas, pois teriam sua verdadeira natureza violada.

Se, em outros países, ocorria o “crepúsculo dos psicanalistas”, acompanhada da “manhã dos sexólogos”<sup>20</sup>, tendo os trabalhos dos pesquisadores norte-americanos Masters e Johnson o modelo paradigmático da nova terapia sexológica, no Brasil dos anos 60 e 70, a psicanálise mantinha sua preponderância, especialmente na mídia. Ainda que os principais nomes da orgasmologia fossem conhecidos e citados – Kinsey, Masters e Johnson, Alex Comfort, dentre outros – suas propostas de tratamento não pareciam ser aplicadas, mas sim as da psicanálise. Isso pode ser constatado tanto pelos princípios terapêuticos demonstrados, com o destaque para traumas, atenção especial a complexos,

sublimações e recalques, quanto pelo material analisado, como sonhos, atos sintomáticos, resistências por parte do paciente e o comportamento considerado normal confrontado com o neurótico.

Além disso, e seguindo o modelo psicanalítico, as causas eram comumente buscadas em eventos traumáticos originais: o travestismo seria resultante da influência de uma camareira na infância da criança; o lesbianismo seria reflexo de “excessiva fixação paterna, traumas de infância, carência afetiva e uma série de outros problemas”<sup>21</sup>; a agressividade sexual feminina seria ocasionada por um rompimento traumático de sua relação com o pai. Será apenas por meio da ação libertadora de um especialista que a saúde poderia ser recuperada, mesmo entre aquelas que não se sentiam com qualquer doença: “os traumas podem ser tão marcantes e de tal maneira são dissimulados que só um psicólogo os podem identificar”<sup>22</sup>.

Não importava se estas mulheres, mesmo diante das pressões sociais, se sentissem bem com a sua sexualidade. Ainda assim eram doentes, com o agravante de se recusarem a compreender seu problema. “O prazer encontrado no próprio corpo, no amor e na tensão entre os amantes é a fonte que me dá o prazer de viver”<sup>23</sup>, afirmava uma mulher de 49 anos, que tivera 12 parceiros sexuais durante a vida. Porém, um de seus sonhos (“O homem que eu amava desaparecera. Entrei numa gruta. O chão estava coberto de sapatos. Comecei a colocá-los numa cesta. Aí apareceram muitos homens atrás de uns troncos.”) seria, para uma psicanalista, a revelação inconsciente dos reais problemas sexuais de sua paciente.

O sonho demonstra que – pelo menos até o momento da visão – esta mulher não consegue transformar a sexualidade em relação verdadeiramente humana. Experimentou o prazer, a sexualidade e a fascinação – nada mais. Ela é fatalmente perseguida pela sexualidade que não enriquece, mas destrói. O encontro com o homem amado, desejado na realidade, torna-se assim impossível<sup>24</sup>.

Mesmo uma revista voltada à sexualidade, como *Ele Ela*, mesmo os especialistas que apregoavam a saúde e importância do orgasmo em um momento de liberação dos costumes, construíam e defendiam impedimentos das mais diversas ordens à satisfação sexual.

## Conclusões

“Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?”: um dos livros mais conhecidos na linha de autoajuda sexual do início do século XXI traz em seu título uma síntese do que defende serem diferenças naturais entre o feminino e o masculino. Um tipo de relação, aliás, que é o exato oposto à compreensão pré-Iluminista, quando a amizade era vista como um sentimento masculino, enquanto as sensações carnis estavam ligadas ao feminino<sup>25</sup>. Na Antiguidade clássica, por exemplo, o amor era considerado algo masculino, e não se encontrava no casamento<sup>26</sup>.

Se a medicina higiênica exerceu influência considerável no Brasil na passagem do século XIX ao XX, a *scientia sexualis* de final dos anos 1960, e durante os anos 1970 passará a ser, em Ele Ela, a psicanálise (que terá uma persistência notável). Utilizando-se de uma estratégia discursiva muito semelhante à utilizada em outros momentos<sup>27</sup>, o controle da sexualidade feminina implicava em um constante alerta médico sobre os riscos que a prática do sexo não normativo implicava, além da valorização do casamento – “O Casamento é sempre melhor” era o título, a conclusão e a moral explícita de uma reportagem de 1969<sup>28</sup>.

Tema de preocupação crescente no período, o desejo erótico feminino, cuja existência havia sido negada durante muitos anos, deveria ser normatizado dentro do modelo da mulher que deveria ser desejada (a assertividade sexual feminina era patologia) e especialmente a partir de uma necessária relação entre sexo e amor. O sentimento amoroso passa a ser valorizado enquanto condição necessária para uma saudável expressão erótica: “sexo é algo mais do que um ato físico”; “é algo que envolve profundamente duas pessoas, é a expressão máxima do amor”. Mas deve-se sempre atentar ao fato de que a relação entre sentimento e sexualidade, ainda que socialmente valorizada, era própria do feminino. Afinal, é ela quem faz amor, enquanto ele faz sexo: “sem amor, o sexo pode degenerar numa experiência ruínosa para a mulher e, além de ruínosa, desagradável”<sup>29</sup>.

Não se pode desconsiderar, ainda, o receio de que a liberação sexual feminina – de casadas ou solteiras – pudesse levar as mulheres a ocuparem

espaços que seriam masculinos, e que esta “masculinização” da mulher implicasse, necessariamente, numa temida e suposta feminização do homem.

Prisioneira entre o amor e doença, estimulada pelo discurso de liberação sexual, mas encarcerada pelo discurso moralizante tanto das normas sociais quanto da psicanálise, a mulher tinha apenas em seu parceiro fixo, preferencialmente o marido, o objeto de desejo normal e exclusivo de seus desejos eróticos. Era só ali que ela não estaria doente.

### Referências bibliográficas

- BÉJIN, André. Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos. In. ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs.). Sexualidades Ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BASSANEZI, Carla. Virando as páginas, revendo as mulheres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- LAQUEUR, Thomas. Making sex. Estados Unidos: Harvard, 2003.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XX. Campinas, SP: Unicamp, 2000. Tese de Doutorado em História.
- MASTERS, W; JOHNSON, V. A incompetência sexual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1970] 1979.
- PRIORE, Mary del. Histórias íntimas. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.
- SANTOS, Fernanda C. A limitação do desejo. Curitiba: UFPR, 2012. Dissertação de Mestrado em História.
- VAINFAS, Ronaldo. Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão. São Paulo: Ática, 1986.

---

<sup>1</sup> Ele Ela 3, Julho 69 p.8.

<sup>2</sup> Ele Ela 6, Outubro 69 p. 8.

<sup>3</sup> Ele Ela 3, Julho 69 p.10.

<sup>4</sup> Ele Ela 25, Maio 71 p.56.

<sup>5</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XX. Campinas, SP: Unicamp, 2000. Tese Doutorado em História. p.50.

<sup>6</sup> PRIORE, Mary del. Histórias íntimas. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011. p.120.

<sup>7</sup> BASSANEZI, Carla. Virando as páginas, revendo as mulheres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p.352.

<sup>8</sup> Ele Ela 24, Abril 71 p.45.

<sup>9</sup> Ele Ela 5, Setembro 69 p.13.

<sup>10</sup> Ele Ela 25, Maio 71 p.173.

<sup>11</sup> Ele Ela 4, Agosto 69 p.8.

<sup>12</sup> Ele Ela 4, Agosto 69 p.8.

<sup>13</sup> MASTERS, W; JOHNSON, V. A incompetência sexual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1970] 1979. p. 382.

<sup>14</sup> Ele Ela 5, Setembro 69. p.45

<sup>15</sup> Ele Ela 23, Março 71 p.52.

<sup>16</sup> BASSANEZI, Carla. Op. cit.

<sup>17</sup> Ele Ela 9, Janeiro 70 p.139.

<sup>18</sup> Ele Ela 8, Dezembro 69 p.110.

<sup>19</sup> Ele Ela 3, Julho 69 p.10.

<sup>20</sup> BÉJIN, André. Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos. In. ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.). Sexualidades Ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>21</sup> Ele Ela 24, Abril 71 p.10.

<sup>22</sup> Ele Ela 29, Setembro 71 p.172.

<sup>23</sup> Ele Ela 33, Janeiro 72 p.127.

<sup>24</sup> Ele Ela 33, Janeiro 72 p.127.

<sup>25</sup> LAQUEUR, Thomas. Making sex. Estados Unidos: Harvard, 2003. p.16.

<sup>26</sup> VAINFAS, Ronaldo. Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão. São Paulo: Ática, 1986.

<sup>27</sup> Compare-se com a estratégia utilizada pela medicina higiênica, de finais de século XIX e início do XX: o uso exagerado do membro masculino para relações sexuais poderia esgotá-lo, tornando o homem impotente. Apenas a prática regrada do sexo conjugal garantiria a saúde sexual masculina. Cf. SANTOS, Fernanda C. A limitação do desejo. Curitiba: UFPR, 2012. Dissertação de Mestrado em História.

<sup>28</sup> Ele Ela 4, Agosto de 1969, p. 4.

<sup>29</sup> Ele Ela 10, Fevereiro 70, p.52.